

A LINGUAGEM E O EU/NÓS

Luiz Henrique Touguinha de Almeida¹

RESUMO

Ocupa-se, o presente, de uma pesquisa em documentos impressos e digitais no sentido de estudar a origem da linguagem e seu aspecto social e constitutivo do ser. A fim de cumprir sua finalidade, ampara-se em estudiosos como Heidegger, Humboldt, Vygotsky, Tomasello, entre outros, e em sites como <http://www.filologia.org.br>, <http://www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas>, entre outros. Justifica-se o estudo a partir da indefinição, ainda que por séculos venha sendo estudada, da origem de seu objeto, indefinição essa confirmada nas conclusões parciais do trabalho e, também, a partir da necessidade humana de identificar a influência que exerce a linguagem em seu aspecto constitutivo e procedimental, que levou à identificação total com Humboldt e Vygotsky, quando o primeiro defende que o homem somente vê o mundo conforme lhe é mostrado pela linguagem e, o segundo, defende que o significado, indissociável da linguagem, é um fenômeno do pensamento verbal que garante um mundo com conceitos e culturas que se apóiam na linguagem. Ainda, com base nessas idéias dos dois pensadores restou, confirmando que, por mais que se estude sobre o tema, respostas deverão ser buscadas, o seguinte questionamento: de que maneira as diferentes linguagens das tecnologias da atualidade, num contexto globalizado, influenciam a humanidade?

Palavras-chave: Linguagem. Pensamento. Constituição do ser. Cultura. Sociedade.

“A linguagem é o espelho imediato das coisas – natureza ou divindade”. Esse era o entendimento de Pitágoras, Demócrito e Empédocles sobre a origem da linguagem na Filosofia antiga. Dentre as diversas concepções sobre linguagem que surgiram na Antiguidade, segundo Cassier (1977, apud Almeida, 2010),

“Demócrito foi o primeiro a propor a tese de que a linguagem humana se origina de certos sons, de caráter puramente emocional”. Já Heráclito, sugeriu que a palavra é o princípio da existência do ser por entender que ela o sustenta e por possuir uma verdade cósmica universal, não ficando presa aos limites humanos. Ainda em Cassier (1977, p.183) os sofistas atentaram para o pragmatismo da linguagem e a ela atribuíram, como principais funções, despertar emoções humanas e levar o homem à ação, ao invés de simplesmente transmitir ideias e pensamentos. Representar as coisas: essa é a função da linguagem segundo Aristóteles. Essas passam a existir assim que as nomeamos. Para o filósofo, ela instrumentaliza o pensamento e sua origem é convencional a partir do momento em que o homem a inventa num determinado contexto sócio-histórico-cultural. Faz do homem um ser único, diferenciando-o dos demais animais. Permite-lhe organizar-se em sociedade, através da ação da inteligência, realizando a passagem do mundo da sensação ao mundo da visão e da representação (CASSIER, 1977).

A linguagem, assim sendo, se encontra em uma dimensão complexa de “representação das coisas, das sensações e do discurso do homem”, que também se constitui por suas falas. Presumidamente, se existe um discurso deve, também, existir uma interpretação que dê sentido a ele. Entretanto, uma interpretação sempre é feita a partir de um ponto de vista que, não necessariamente, é o ponto de vista de quem interpreta.

Ao nascer o homem já recebe uma herança que compõe todo um contexto no qual e a partir do qual se faz ser. Dependendo de sua localização no planeta, essa herança será resultado de determinada cultura. Ainda que algumas poucas antigas civilizações continuem influenciando culturas atuais predomina, na modernidade, o modelo europeu, o que significa que o nosso ponto de vista, a partir do qual interpretamos os mais variados eventos, na verdade não é nosso e sim um ponto de vista baseado num eurocentrismo, que nos vem sendo incutido, que considera que a história começa no oriente e tem seu ponto alto no ocidente.

Interpretar significa esclarecer, explicar o sentido, exprimir o sentimento. O termo está intimamente ligado ao sentido das coisas. Dessa forma o homem é um ser de linguagem e um ser social que se revela e revela, também, a realidade em que vive através da linguagem. Segundo Heidegger (In: Mondin, 1980), “a linguagem é a casa do ser”, o que remete ao pensamento de que o *ser* está na

linguagem e a linguagem está no *ser*. Tudo o que o homem diz, faz ou pensa; tudo o que o homem produz culturalmente, está presente à linguagem. Para ele o discurso é a articulação da significância e, na medida em que assim o é, a convivência pode ser mediada pela comunicação. No seu entendimento, a linguagem se origina dessa significância que nada mais é do que um emaranhado de referências significativas, já compreendido em determinada interpretação. Nesse sentido, Mostafa (2008) se refere a Vygotsky como tendo uma visão representacionista do mundo quanto aos processos de linguagem e suas formas de significar. Mostafa (2008, p. 46) referenciando o estudioso, diz que

[...] do lado da linguagem, acomodam-se discursos que destacam a importância dos sentidos e da significação nos processos discursivos de desenvolvimento humano, como se a linguagem contivesse tudo o que ela queria dizer, no sentido de ser a expressão mais significativa da existência humana.

Percebe-se, assim, ser impossível dissociar palavra/linguagem/pensamento (discurso), uma vez que sem o inter-relacionamento existente entre eles, não há uma produção de sentido e, para Vygotsky (2010), “uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra”. Na busca de um entendimento entre as ideias que as pessoas têm e aquilo que externam em suas falas e/ou escritas, Vygotsky concluiu que “A estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira como que essa pessoa percebe o universo”, não sendo, portanto, a linguagem apenas um código.

A interdependência entre as raízes genéticas do pensamento e da palavra, segundo o trabalho de pesquisa desenvolvido por Vygotsky e apresentado em sua obra *Pensamento e Linguagem*, não constitui um requisito do desenvolvimento da consciência e sim um produto desse desenvolvimento. O trabalho aponta que há um período em que o pensamento e a fala ainda não se encontram relacionados na criança o que, com a evolução de ambos, gera-se uma conexão que se modifica e desenvolve.

Para o autor, o significado de uma palavra está tão intimamente ligado à linguagem e ao pensamento que fica difícil definir de qual evento se trata. No seu entendimento, uma palavra sem significado é um som vazio e, dessa forma, além de ser um critério da palavra, se constitui, também, num componente indispensável. No momento em que é, ainda, uma generalização, um conceito, o

significado passa a ser um fenômeno do pensar na medida em que é encarnado pela fala e, um fenômeno lingüístico, na medida em que se encontra ligado com o pensamento e por ele é iluminado. Dessa união, do pensamento e da linguagem, resulta a ideia de que é um fenômeno do pensamento verbal ou da fala significante, que garante um mundo no qual existem conceitos e culturas que se apóiam na linguagem. Dessa forma, Vygotsky sugere que o pensamento, além de passar pelos significados e pelas palavras, é-lhe fundamental uma motivação: “para compreendermos o discurso de outrem não basta compreender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas também isso não basta – temos que conhecer também suas motivações”.

Cultura, antropologicamente, tem a ver com a maneira como as pessoas usam os meios naturais para garantir a sobrevivência, conforto e prazer. É, ainda, pertencer a uma sociedade e saber o que, o como e se algo deve ser feito para alcançar determinados resultados que vão ao encontro do pretendido e esperado para o momento sócio-histórico e contextos vividos. A linguagem é, sem dúvida, o mais importante traço cultural que se adquire a despeito de outros, como conduta, religiosidade, vestuário, moradia, etc... Ela não é criada pelo indivíduo. Ao contrário, ele, ao nascer começa um processo de apropriação de uma que lhe é transmitida pela sociedade na qual está inserido e que lhe garante o conhecimento necessário à codificação que oportunizará a expressão e comunicação a ela [sociedade] pertinentes (MEXIAS, 2010). Referindo-se a essa relação linguagem/cultura, linguagem/mundo, Humboldt (apud Maciel, 2000, p. 5), se manifesta: “a atividade da linguagem é uma mediação entre o espírito e a realidade. O homem vive no mundo que está em torno dele exatamente como a linguagem o apresenta a ele”.

Miguel Reale (2002), em seu artigo Cultura e Linguagem, afirma que

homo sapiens não surgiu, no mais remoto tempo, por ter assumido uma posição erecta, combinando o poder criador da mente com a liberdade de servir-se dos braços e da mão, mas também por ter-se tornado senhor da arte de comunicar-se com os demais indivíduos, substituindo o grito animalesco pela palavra aliciadora.

Cita, também, Heidegger e Gadamer, que proclamam que a linguagem é o solo da cultura, entendida em seu sentido antropológico, o que leva ao pensamento de que o “ser do homem é o seu *dever-ser* consubstanciado na

linguagem que o tornou capaz de realizar-se como pode e deve fazê-lo” (REALE, 2010).

Nesse sentido, Tomasello (2003) propõe que os 6 milhões de anos que separam o homem moderno dos grandes macacos bípedes do gênero *Australopithecus* se devem ao fato de, após sucessivas transformações, surgir a possibilidade de aquisição da habilidade de transmissão cultural. Cita Charles Sanders Peirce (p. 1) que diz que “Todas as maiores realizações da mente vão muito além do poder de um indivíduo só”.

Segundo o autor, diferentes espécies de macacos do gênero, que se originaram de um grupo resultante de um “evento evolucionário rotineiro” (Tomasello, 2003, p.1), há seis milhões de anos, acabaram morrendo. Dentre elas, entretanto, uma sobreviveu até cerca de dois milhões de anos atrás. Essa espécie tinha mudado tanto que, além de nova designação de espécie, necessitava, também, de uma nova designação de gênero, surgindo, assim o *Homo*, que comparado aos seus ancestrais, era fisicamente maior, tinha um cérebro maior e fazia ferramentas de pedra (TOMASELLO, 2003).

Ainda que tenha saído da África em excursões pelo mundo afora, nunca conseguiu estabelecer populações que sobrevivessem de modo permanente até cerca de 200 mil anos atrás, quando uma população de *Homo*, num novo processo de evolução, espalhou-se pelo mundo superando a todas as populações de *Homo* anteriores, consolidando-se como populações mais permanentes e deixando como descendentes os *Homo Sapiens* (TOMASELLO, 2003).

Dentre as características da nova espécie, além do cérebro um pouco maior, destacaram-se as novas habilidades cognitivas e os produtos que criavam: produziram novas ferramentas de pedras adaptadas a fins específicos, apropriadas a cada população, começaram a estruturar as sociedades a partir da utilização de símbolos linguísticos e artísticos, a ponto de algumas criarem linguagens escritas, dinheiro e notação de matemática e arte (Tomasello, 2003) e criaram novos tipos de práticas e organizações sociais como enterro dos mortos e domesticação de plantas e animais, entre outras.

Para Tomasello (2003), entretanto, esses 6 milhões de anos que separam os seres humanos dos grandes macacos, é um tempo curto demais do ponto de vista de evolução, uma vez que chimpanzés e humanos têm, em comum, 99% de seu material genético. Conforme o estudioso

[...] simplesmente não houve tempo suficiente para que os processos normais de evolução biológica que envolvem variação genética e seleção natural criassem, uma por uma, todas as habilidades cognitivas necessárias para que os humanos modernos inventassem e conservassem complexas aptidões e tecnologias no uso de ferramentas, complexas formas de comunicação e representação simbólica, e complexas organizações e instituições sociais (TOMASELLO, 2003, p. 4).

Tomasello (2003) prega que somente a transmissão cultural, único mecanismo biológico conhecido com tal poder, é que poderia ocasionar essas mudanças no comportamento e na cognição em tão pouco tempo, quer esse tempo seja pensado em termos de 6 milhões, 2 milhões ou um quarto de milhão de anos. Diz que o mecanismo é um processo evolucionário razoavelmente comum “que permite que cada organismo poupe muito tempo e esforço, para não falar de riscos, na exploração do conhecimento e das habilidades já existentes dos co-específicos” (p. 5).

Essa forma de transmissão cultural é exclusivamente humana uma vez que, embora muitos primatas não-humanos produzam novidades comportamentais inteligentes, seus companheiros de grupo não são capazes de acompanhar as aprendizagens que tais inovações poderiam proporcionar por não possibilitarem acontecer o que Tomasello (2003) denomina de efeito catraca, que nada mais é do que não permitir o retrocesso cultural, a partir de modificações criadas em artefatos ou práticas, no sentido de atenderem a novas exigências sociais.

A aprendizagem por transmissão cultural contempla a compreensão de que os outros são tão intencionais quanto si mesmo, uma vez que os artefatos culturais e as práticas sociais apontam para os demais, que estão fora, que se localizam fora do eu, ou seja, entidades externas. Tomasello (2003) destaca como exemplo desses artefatos e práticas o “uso de ferramentas que apontam para os problemas que elas foram feitas para resolver e os símbolos lingüísticos, que apontam para as situações comunicativas que eles se destinam a resolver” (TOMASELLO, 2003, p. 7).

Assim, a apropriação dessas habilidades de comunicação linguística possibilita, aos seres humanos, interagir discursivamente em situações complexas, nas quais podem existir divergências de pontos de vista que têm que ser resolvidas e negociadas. A habilidade na língua materna proporciona a

interpretação das coisas de diferentes maneiras e a “internalização de interações discursivas que contenham vários pontos de vista conflituosos pode até ser identificada com certos tipos de processos de pensamento dialógicos exclusivamente humanos” (VYGOTSKY, 1978, apud TOMASELLO, 2003, p. 13).

Segundo Tomasello (2003), a cognição humana tem as qualidades únicas da espécie porque, além dos olhares filogenético e histórico, ontogeneticamente os seres humanos crescem em meio a artefatos e tradições social e historicamente construídos, o que lhes faculta, além de beneficiarem-se das habilidades acumuladas de seus grupos sociais, adquirir e usar representações cognitivas na forma de símbolos linguísticos e internalizar certas interações discursivas, o que os remete a maiores capacidades de metacognição, redescrição representacional e pensamento dialógico.

A origem da linguagem, ao longo dos séculos, tem sido preocupação constante de estudiosos. Representantes das diversas ciências buscaram respostas, controversas na maioria das vezes. Com o surgimento das ciências naturais, quando até mesmo as ciências humanas para serem reconhecidas cientificamente nela buscavam métodos, esses estudos se viram mais polemizados na tentativa de estabelecimento de uma base científica que atendesse às expectativas humanistas.

Diferentes correntes epistemológicas estudaram e debateram o assunto, como empiristas e racionalistas. Conforme Bach (1970), para os empiristas as imagens sensoriais seriam transmitidas ao cérebro como impressões e se transformariam em idéias associadas a determinadas experiências. Já, para os racionalistas, que têm Chomsky como expoente, o importante seriam as estruturas intrínsecas nas operações mentais a partir de processos e princípios de organização na percepção e princípios inatos na aprendizagem.

Surge, também, no início do século XIX, Saussure com sua teoria que estabelece a diferença entre *langue* (sistemas de signos, fenômeno coletivo e social) e *parole*, que é a relação individual dessa *langue*, base de sua teoria lingüística (MACIEL, 2000).

Empiristas, racionalistas, estruturalistas, comportamentalistas: correntes epistemológicas que embora com princípios e crenças divergentes, de uma ou outra forma têm deixado sua contribuição para a ciência e têm um ponto em comum: a necessidade de respostas para os eventos relativos à linguagem e o

homem, que atendam às expectativas da humanidade sobre a constituição do ser e seus procedimentos em sociedade, influenciados pela linguagem.

Se o homem vê o mundo do modo que lhe é apresentado pela linguagem, na visão de Humboldt e se essa mesma linguagem, conforme Vygotsky garante um mundo de conceitos e culturas, no qual o homem está inserido, ideias essas às quais a conclusão do presente estudo se afina, fica ainda — comprovando que a despeito de todos os estudos realizados sobre a linguagem, sempre haverão respostas a serem buscadas —, o seguinte questionamento: uma vez que a linguagem é determinante na constituição do ser, que para essa determinação aliam-se contextos e momentos históricos, as diferentes linguagens conhecidas, que surgem com as inovações tecnológicas e que não foram o foco deste estudo, num contexto de globalização que aproxima distintas sociedades do planeta, influenciam a humanidade também de maneiras diversas? Apresentam o mundo de que maneira? Ressalta-se, aqui, a fala de Vygotsky em *Pensamento e Linguagem*, que “a estrutura da língua que uma pessoa fala influencia a maneira como essa pessoa percebe o universo”.

THE LANGUAGE AND THE I/WE

ABSTRACT

The present paper aims to investigate, in digital and impress documents, the origin of language and its social aspect based on Heidegger, Humboldt, Vygotsky, Tomasello and others and in sites like <http://www.filologia.org.br>, <http://www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas>, among others. This paper is justified by the indefinición, yet studied by centuries, of the origin of its object, this indefinición is confirmed in the partial conclusions of this paper and, also from the human necessity to identify the influence that language acts in its constitutive and proceeding aspect, which takes it an absolute identification with Humboldt and Vygotsky, when the first defends that the man lonely sees and understands the world according to what is shown to him through his language and, the second, defends that the meaning is indissociable of the language, it is a phenomenon of verbal thinking that guarantees a world with concepts and cultures which support

each other in the language. Also, based on the ideas of these two thinkers, the more we study this theme, answers should be searched for the following question: in which way nowadays language technology, in a global context, influences the humanity?

Keywords: Language. Thought. Constitution of being. Culture. Society.

Notas

- ¹ Pedagogo, Mestre em Letras. Doutorando em Regime Especial no Programa de Pós-Graduação de Informática em Educação – UFRGS.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Miguel Eugênio. UEMS. *Relação da Linguagem com a filosofia e a antropologia filosófica*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/11/10.htm>> Acesso em: 20 jan. 2010.

BACH, E. A lingüística estrutural e a filosofia da ciência. In: *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1970.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo. (Parte I)*. Tradução de Márcia Sá C. Schuback, 11 ed., Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo. (Parte II)*. Tradução de Márcia Sá C. Schuback, 8 ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

MACIEL, Katherine Duham – Artigo: *A Lingüística e a relação entre linguagem e pensamento* – UFRJ – Disponível em: <<http://www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas/vol4/KATFD.pdf>> Acesso em: 10 fev. 2010.

MEXIAS, Maria Lucia. *Linguagem como espelho de uma cultura*. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/marialuciamexias/public/linguacomoespelhodeumacultura.doc>> Acesso em: 9 fev. 2010.

MONDIN, B. *Os teólogos da libertação*. São Paulo: Paulinas, 1980.

MOSTAFA, Solange Puntel. *Vygotsky e Deleuze: um diálogo possível?* Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

REALE, Miguel. *Cultura e Linguagem*. Artigo. Disponível em: <<http://www.miguelreale.com.br/artigos/cultling.htm>>. Acesso em: 9 fev. 2010.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. Versão para eBook. Ed. Ridendo Castigat Moraes. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html>> Acesso em: 9 fev. 2010.

_____. *Mente e sociedade: o desenvolvimento de processos pedagógicos superiores*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978. In: TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.